

Registros Alternativos de Saberes Culturais*

Carmen Maria Aguiar

Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargo

Resumo

O presente trabalho trata da caracterização de algumas experiências de escrita realizadas em situações específicas e particulares, envolvendo, no que pode ser considerada “aventura” de escrever, pessoas não habituadas à escrita, e que se vêem tentadas a, ou com grande necessidade de, executar tarefas que exigem a utilização do código escrito. Nessas ocasiões, muitas vezes exprimem suas idéias e interpretações do mundo vivido, mesclando letras, palavras e representações sociais, elaboradas a partir de códigos alternativos de registro de informações – práticas comuns em universos sociais em que a leitura e a escrita são práticas incomuns, ou seja, em localidades em que há predominância do analfabetismo, envolvendo um grande contingente de excluídos da escola. Esta exclusão empurra tais pessoas para situações em que só podem contar com mecanismos alternativos, criados tanto para registro de informações sobre a sua história quanto para representação de situações cotidianas.

Palavras-chave: educação; cultura; saberes; escrita; cotidiano.

Abstract

The present study treat about a characterization of writing some experience realized on specify and particular situations, involving, what can be considerate writing “adventure”, people that don’t have habit to write, and that realize themselves tempting, or with big needs to execute the task that need the utilization of a written code. In these occasions, many times they express their ideas and the world lived interpretation, mixing letters, words, and social representations, elaborated with alternatives codes of informations register – common practice in socials universes were the reading and writing are uncommon practices, like, in particular place were there is illiteracy predominance, involving a big contingent of excluded people of the school. This exclusion to bring this people for situations were they can be use just alternative mechanisms, created as to informations register about theirs history as for representations of daily situations.

Key words: education; culture, knowledge, writing; quotidian.

Este trabalho¹ tem como prioridade identificar e dar visibilidade a situações e motivações sociais que resultam em tipos diversos de registros escritos, enquanto formas de leitura, de representação e de interpretação do mundo. Valendo-se de questões gerais da educação abordam-se aqui questões específicas em que a linguagem escrita se faz necessária e presente no cotidiano. Esses registros escritos revelam possibilidades diversas de transmissão de informação e de conhecimentos, e requerem processos de elaborações intelectuais estruturadas, que resultam em representações socialmente tecidas e ancoradas na realidade do cotidiano vivido.

Trata-se de um recurso de linguagem, utilizado de modo criativo e inventivo pela população, que apenas reflete a inventividade de seus modos de vida, que, por sua vez, requerem versatilidade para atender às suas necessidades de sobrevivência e outras demandas sociais. Tais registros,

que traduzem saberes ou conhecimentos sociais representativos das noções que os envolvidos têm de si e do mundo que os cerca, levam, trazem, remodelam, reafirmam, reciclam, desmontam, impõem, escondem, revelam, alteram, justificam, condicionam, separam e misturam dados da realidade cotidiana, e são amplamente divulgados, atingindo, de uma forma ou de outra, a todos os participantes de determinado processo social.

Estes modos de registro constituem-se como material de estudo, neste trabalho, que procura ampliar a visibilidade e aprofundar a compreensão dessas práticas culturais, que são cotidianas no contexto em que se inscrevem e, por isso, históricas. São tomados aqui como referenciais teórico-metodológicos os estudos das práticas sociais, culturais, que se ancoram na história cultural da sociedade (CHARTIER, 1990; 2001; CERTEAU, 1994) e abordagens como a de Heller (1991), que entende a vida cotidiana como um conjunto de atividades que caracterizam a reprodução dos indivíduos particulares que, por sua vez, criam a possibilidade de reprodução social, como sujeitos concretos e históricos capazes de ultrapassar o estritamente particular e chegar ao genérico, o que exige a necessidade de o indivíduo

*Trabalho apresentado no II Congresso Brasileiro de História da Educação: História e Memória da Educação Brasileira, Natal, nov./2002. A participação no Congresso foi parcialmente financiada pela Fundunesp.

¹Este trabalho teve participação igual das autoras sendo 50% de envolvimento de cada uma delas.

“organizar” sua vida cotidiana de acordo com a concepção que possui de mundo, conduzindo-a conforme os limites encontrados. O saber cotidiano é uma categoria objetiva, tendo em vista que este pertence a uma época, a um estrato social e a uma integração social. Com o intuito de levar de modo adequado a sua vida o sujeito se apropria do saber. Deste modo, as questões ligadas aos saberes existentes fora dos limites formais da escola e dos conhecimentos científicos, apresentam, portanto, conteúdos culturais que refletem os saberes elaborados socialmente, pela população de maneira geral.

Muitas dessas pessoas sonham com a possibilidade de pertencer ao mundo escolar, em que circula o aprendizado da escrita e da leitura. Enquanto aguardam por uma chance nesse processo, elaboram um outro, utilizando a criatividade como caminho de representação social da vida e do mundo a sua volta. Nesse cenário social, nos dias atuais, muitas pessoas freqüentemente utilizam a escrita, mesmo tendo pouco domínio dessa “técnica”, para marcar fatos do seu cotidiano, organizando, por exemplo, diários e cartas, e agregam a esse processo outros recursos de registro, como fotos, desenhos e colagens, entre outros. Ou, como que não querendo perder referenciais do que é preciso para escrever, “fixam” todas as letras do alfabeto na parede externa de uma construção, num assentamento, desenhando-as por sulcos com material pontudo, em lugar que todos, em processo de escolarização ou não, possam enxergá-las.

Trata-se aqui da caracterização de algumas experiências de escrita realizadas em situações específicas e particulares, envolvendo, no que pode ser considerada “aventura” de escrever, pessoas não habituadas à escrita, e que se vêem tentadas a, ou com grande necessidade de, executar tarefas que exigem a utilização do código escrito. Nessas ocasiões, muitas vezes exprimem suas idéias e interpretações do mundo vivido, mesclando letras, palavras e representações sociais, elaboradas a partir de códigos alternativos de registro de informações – práticas comuns em universos sociais em que a leitura e a escrita são práticas incomuns, ou seja, em localidades em que há predominância do analfabetismo, envolvendo um grande contingente de excluídos da escola. Esta exclusão empurra tais pessoas para situações em que só podem contar com mecanismos alternativos, criados tanto para registro de informações sobre a sua história quanto para representação de situações cotidianas.

Para conhecer uma cultura é necessário, entre outras coisas, conhecer seus símbolos, signos e significados, seus modos de organização e de expressão. A linguagem escrita, considerada uma das construções grandiosas da humanidade, tornou-se um recurso de expressão elaborado a partir do ensino escolar, mas que é utilizado amplamente, em

diferentes circunstâncias, também por aqueles que não a freqüentaram ou por tantos outros que passaram pela escola sem quase nada aprender. Estas pessoas, quando necessitam desse recurso que não dominam, recorrem a outros mecanismos modelados pela cultura, utilizando-se de padrões de escrita que escapam, muitas vezes, à forma oficial, considerada “correta”.

As relações individuais e sociais permitem a composição de concepções e configurações abrangentes, a partir de situações coletivas em que se misturam, moldam, afetam, expandem ou limitam mutuamente, as ações dos envolvidos. O homem é produto e agente ativo nos processos sociais, influencia e é influenciado pelos meios estruturados e organizados socialmente, fundindo elementos históricos e culturais.

Nas relações do indivíduo com o grupo social, a linguagem é fundamental. A palavra veio, num nível mais geral, a caracterizar a condição humana. Em termos mais específicos, na ontogênese, a linguagem tem uma função de regular as ações e de propiciar a conduta intencional humana. Através da linguagem, o indivíduo prepara um ato a ser consumado. (GÓES, 2000, p.118)

Utilizamos como material de análise, nesta pesquisa, registros de observação, registros de depoimentos e registros fotográficos. Como procedimento para a coleta de dados, adotamos a observação direta sem intervenção, entrevistas semi-estruturadas com os sujeitos que produziram os objetos e eventos aqui apresentados e a fotografia. Entendemos como observação direta sem intervenção o registro do fato já ocorrido, como por exemplo, uma placa localizada em algum local, com a clara proposição de levar informação ao leitor; as entrevistas semi-estruturadas possibilitam a contextualização do fato ocorrido, a partir da localização do objeto. Quanto ao recurso fotográfico, de objetos e eventos, foi uma possibilidade buscada para permitir uma demonstração clara de experiências que envolvem a leitura e escrita em situações específicas.

Vale destacar que, para a coleta de dados, na pesquisa abordada neste trabalho, foram adotados a observação e a pesquisa participantes, no caso específico dos eventos com crianças brincando de escrever em uma praça, realizando intervenção direta junto aos sujeitos durante a realização do evento. Trata-se de procedimentos tradicionalmente adotados pela Antropologia, conforme ocorre com os recursos da etnografia, ou seja, é a partir de um olhar antropológico que paradigmas sólidos da ciência moderna são descartados. A Etnografia é uma ciência que trabalha com o significado, descobrindo, registrando, descrevendo e estabelecendo relações, visando uma descrição densa e interpretativa (GEERTZ, 1985). Desse modo adotamos a interpretação

de dados e de depoimentos como recurso de análise.

Neste trabalho apresentamos registros fotográficos (ver quadros a seguir) aliados a análise de depoimentos dos sujeitos. Outros registros mencionados neste texto encontram-se em cadernos ou num mural improvisado, em que pode ser observada uma forma de diálogo entre a institucionalidade da escrita e a realização de atos criativos que conferem significados próprios à linguagem escrita. Os aportes teóricos que respaldam nossas reflexões, neste trabalho, conforme referidos anteriormente, ancoram-se na história cultural da sociedade, no estudo das práticas culturais, na antropologia.

Dentre as ilustrações fotográficas, pode-se notar, de imediato, a utilização, na primeira placa, de letras de fôrma (maiúsculas e minúsculas) juntamente com letras cursivas, escritas de modo corrente. Na placa da foto abaixo, utilizou-se o hífen, corretamente, quando acabou o espaço da linha, mas sem levar em consideração a divisão silábica correta.

Placas com anúncios ou informações



Na placa “vendes peixe freco” nota-se também uma letra “s” perdida, que falta na palavra de baixo. O autor, alertado para a falta de uma letra em sua frase, tentou corrigir, acrescentando-a onde julgou estar faltando. Independentemente desse aspecto, interessa aqui ressaltar os motivos que o levaram a colocar uma placa escrita, ou seja, a importância e o papel da escrita na sua relação com o

mundo social e econômico. O autor reconhece o valor da escrita enquanto meio de divulgação de informação – que, por sua vez, representa a possibilidade de ampliação de seus negócios – para um número amplo de pessoas que passam por aquele local e que ele julga serem alfabetizadas. O local é um parque público municipal, com praia artificial, à margem do rio Grande, no interior de São Paulo, com infra-estrutura de acampamento, quiosques e chalés para receber turistas e veranistas. É nesse espaço que mora, com sua família, o pescador vendedor de peixes, sob uma barraca de lona preta – o quintal demarcado, alguns elementos nativos, outros paisagísticos, vasos de flores, pequenos canteiros com ervas e uma pequena trempe para cozinhar denotam uma residência permanente. Esse é o contexto em que vive o autor da placa que traduz sua intenção de se comunicar com o turista, o viajante, o forasteiro ou com quem passar pelo local onde mora e trabalha com a família.

Enquanto para alguns o material orgânico, produzido pelas árvores e espalhado pelo chão, é uma sujeira que deve ser eliminada, para outros é adubo e, para algumas crianças se transformou em material didático. Folhas e flores da árvore pau-formiga e de ipê roxo se tornam recursos utilizados para escrever palavras no chão; a vegetação seca serve como lápis e o chão como papel. Essas crianças, da periferia de uma cidade do interior paulista e que não estão freqüentando a escola, aprenderam apenas algumas poucas palavras, palavras isoladas, não relacionadas umas com as outras. Atualmente descobrem, longe da escola, modos informais e lúdicos de executar tarefas educacionais escolares e de se incluir, de modo sorrateiro, no universo dos que utilizam a escrita, arriscando-se a registrar – e até a ensinar seus companheiros – as poucas palavras aprendidas em seus poucos anos de freqüência na escola. No final da entrevista semi-estruturada, dizem lamentar sua saída da escola. Vale ressaltar que essas crianças identificam várias associações que cada palavra permite; manifestam também diversos outros conhecimentos relacionados à flora utilizada, e que circulam em seu universo cultural, como o uso na medicina, o modo de reprodução, a fauna que circula nesse ambiente; entretanto, não sabem escrever a maioria das palavras que sabem falar, e escrevem apenas as poucas palavras que aprenderam na escola. Sem dúvida, saberes culturais – como esses manifestados pelas crianças, e tantos outros que também circulam em inúmeros contextos sociais localizados – poderiam servir de ponto de partida e caminho para enriquecimento do processo de ensino e aprendizagem, subsidiando, por exemplo, a elaboração, no âmbito e no interior da escola, de cartilhas, livros, poesias, etc.

Retomando ainda a tríplice relação criança, material suporte de escrita e escrita, há que se registrar um mural,

improvisado, em que foram escritas todas as letras do alfabeto, em uma parede externa de um dos raros prédios de alvenaria, num assentamento de terras no interior de São Paulo. As letras foram desenhadas, pelas poucas crianças que freqüentavam uma escola regular, com material pontudo, para que não fossem apagadas tão facilmente, e em local de freqüente circulação da maioria da população local, constituída por analfabetos e semi-analfabetos. Nos meandros das intenções, nem sempre explicitadas, constata-se um modo de praticar a escrita, pelas crianças, e visualiza-se um suporte material não muito convencional que acaba se impondo aos demais membros da comunidade, nem sempre usuários da linguagem escrita.

Três amigas, todas alfabetizadas e moradoras de um pequeno povoado na região amazônica brasileira, escrevem em seus diários para não esquecer fatos ou informações e para não perder a prática de escrever. A autora do diário pessoal ilustrado (o que aparece na foto) aprendeu a utilizá-lo com as duas outras amigas e só registra, como afirma, os períodos ruins de sua vida. Uma das amigas registra apenas as experiências que considera boas e felizes, enquanto a outra registra fatos históricos, casos contados pelos mais velhos sobre vida da comunidade em que vive. A autora e informante escreve de próprio punho e recorta também palavras (às vezes frases inteiras) de revistas para compor frases; recorta também figuras diretamente relacionadas ao assunto tratado no diário para usar como ilustração, quase sempre de revistas de fotonovelas. Antes de permitir que fosse fotografado, preferiu cobrir parcialmente o diário com um trabalho em crochê ainda preso ao novelo de linha, alegando fazer isso para esconder sua letra e algum erro e impedir a leitura, por estranhos, do que está escrito. Os diários dessas mulheres servem, às vezes, como fonte de pesquisa para os filhos, freqüentadores de séries iniciais na escola, por exemplo quando surge alguma dificuldade na escrita de uma palavra; admitem ainda que corrigem um

Diário pessoal ilustrado



Foto: Carmen M. Aguiar

ou outro erro apontado pelos filhos na maneira de escrever determinada palavra.

Num outro local, num bairro de periferia em cidade do interior de São Paulo, um grupo de mulheres semi-analfabetas se reúne, semanalmente, para aprender a costurar. Como material disponível há retalhos de tecido coloridos, de tamanhos, cortes e formas os mais variados. Um produto final, possível de se obter, são colchas de retalho. No entanto, as mulheres não querem mais apenas emendar os retalhos que uma delas habilmente corta deixando-os nos tamanhos desejados; elas querem aprender a medir, cortar, combinar cores, costurar, dar acabamento. Nesse vai-e-vem de habilidades que ficam expostas, ou escondidas, há os espaços do fazer, do querer fazer uma colcha composta por quadros que apresentam um barquinho, como aquele visto numa revista. Desde a visão do barquinho até a realização do mesmo os espaços vão sendo ampliados, seja na busca de retalhos que reproduzam as cores, nas proporções exatas das partes que compõem o barco, na cor de fundo que vai dar destaque ao mesmo, nas negociações que entre as personagens da história vão ocorrendo porque, trabalho coletivo que é, quem fica com o produto final? Nos espaços tensos de realização de uma colcha de retalho, assim contextualizados, chama-nos a atenção formas de registro a que recorrem quando, em suas casas e puxando pela memória, uma das mulheres pega qualquer pedaço de papel e traça linhas irregulares, imprecisas, mas que lembra o barquinho da revista; quando colocados, um ao lado do outro, as diferenças ficam mais evidentes, mas, o desenho cumpriu sua função de fazer vivo o barco do pensamento. Outra mulher sai em busca, em sua casa, de um retalho verde, que pela cor e pela forma, aproxime da vela do barco da revista. Sem dúvida, esses registros podem ser pensados como tentativas de reproduzir o desenho do barco porque não conseguem se lembrar de todos os detalhes; é preciso visualizá-los. O rol de possibilidades materiais vai sendo aumentado.

Mesmo em suporte presumivelmente destinado à escrita, como é o caso de um caderno em branco, por exemplo, encontram-se manifestações que podem ser interpretados como outros significados atribuídos à relação com a escrita. É o que encontramos quando temos em mãos o caderno que vem sendo feito por um homem, com mais de cinquenta anos de idade, numa situação de ensino, com a regularidade de dois encontros semanais. Segundo ele próprio, encontrava-se naquela sala porque tinha muita dificuldade em entender a escrita. A atividade proposta, durante um longo período, foi que os alunos registrassem, no caderno, como viam, o que achavam do

Placas com anúncios ou informações



Fotos: Carmen M. Aguiar



que estava sendo ensinado, o que faltava etc. A proposta visava extrair, da própria fala dos alunos, elementos que pudessem contribuir na organização das atividades de ensino da língua escrita. De fato, a proposta se consolida nos seus objetivos; no entanto, deparamo-nos com um dos cadernos que, além do proposto, traz páginas e páginas cor• ridas de trechos copiados da bíblia, com letra regular, firme, corrente, à tinta, que se diferencia da escrita quase indecisa de quando é chamado a opinar sobre o que está aprendendo. Não fica bem claro como é feita a escolha do texto a ser copiado, mas, qualquer que seja o assunto em pauta, nos encontros que ocorrem dentro ou fora da sala de aula, o autor do caderno sempre brinda as pessoas presentes com comentários ilustrados pelo seu conhecimento do texto bíblico.

A necessidade da escrita surge de motivações sociais marcantes e variadas, entre elas as necessidades ou exigências associadas ao comércio e ao contato com personagens do mundo externo ao universo local. Para muitas pessoas a imposição de ampliação desses contatos surge a partir da necessidade de convívio com forasteiros, viajantes ou turistas, cujo afluxo amplia forçosamente o antes restrito universo cultural local. Com o auxílio de filhos, parentes e amigos que, bem ou mal, conhecem o código escrito, surgem placas informativas que refletem a aventura, para aquelas

pessoas, do ato de escrever.

Esses autores, analfabetos ou semi-analfabetos, se vêm pressionados por exigências próprias de sua realidade social a descobrir alternativas concretas para tal limitação. Em alguns dos exemplos anteriores, observam-se suas ações, uma espécie de “invasão” ao mundo da escrita, um mundo que sabem que não lhes pertence, mas do qual precisam se apropriar de alguns recursos. Sorrateiramente, suas escritas aparecem aqui e ali, circulando por diferentes universos culturais, informando alfabetizados, semi-analfabetos e também analfabetos. Quase sempre esses sujeitos que se utilizam do recurso da escrita se revelam admiradores dessa forma de linguagem, na qual enxergam uma possibilidade de anunciar sua existência, de se comunicar com o outro, e até de se comunicar consigo mesmo, ora marcando fatos ocorridos, ora demonstrando ou anunciando seus produtos, registrando enfim informações por eles consideradas úteis, importantes e necessárias em situações e contextos determinados.

Embora receba muitos alunos que pertencem a esses universos, e que cresceram convivendo com esses processos alternativos de expressão e de registro e transmissão de informações, a escola tem dificuldade em abrir espaço ou criar mecanismos capazes de propiciar a inclusão dessas experiências no processo de ensino e aprendizagem. Deste

Brincadeiras de crianças escrevendo com folhas e flores



Fotos de Carmen M. Aguiar



modo, esses processos elaborados originalmente pela população encontram barreiras que impedem ultrapassar suas próprias fronteiras, cruzar com outras realidades e circular em outros espaços sociais.

Essa dificuldade não é perpetuada apenas pela instituição escolar; esta apenas reflete uma postura disseminada pela própria sociedade, que discrimina o mundo dos que não dominam o uso da escrita. Esse universo, entretanto, apenas elege outros mecanismos, ou recursos – de interação sociocultural, de transmissão de saberes e de comunicação com o outro e com o mundo –, que também compõem uma rica e inesgotável fonte de aventura e de ação social, assim como envolvem uma ampla gama de conhecimentos e informações. Como consequência dessa discriminação, perde-se a possibilidade de uma rica troca de experiências, que poderia ampliar horizontes e subsidiar novos conhecimentos, assim como propiciar formas alternativas e significativas de registro do universo social e cultural. Dentro das instituições escolares ou fora delas, num contexto social mais amplo.

Referências Bibliográficas

- AGUIAR, C. M.. *Educação, cultura e criança*. Campinas: Papirus. 1994.
- _____. Educação na Comunidade. In: DAL RI, N. M. e MARRACH, S. A. (org.) *Desafios da educação do fim do século*. Marília: Unesp-Marília-Publicações. 2000.
- BARTHES, R. *O grau zero da escrita*. São Paulo: Martins Fontes. 2000.
- BRANDÃO, C. R. *O que é educação*. Col. Primeiros Passos. São Paulo: Brasiliense. 1980.
- CAMARGO, M. R. R. M. Cartas adolescentes: uma leitura e modos de ser... In: MIGNOT, A. C. et al. (org) *Refúgios do eu*: = educação, história, escrita autobiográfica. Florianópolis: Mulheres. 2000.
- CERTEAU, M. *A invenção do cotidiano*: artes do fazer. Petrópolis: Vozes. 1994.
- CHARTIER, R. *A história cultural*: entre práticas e representações. Lisboa/Rio de Janeiro: Difel/Bertrand do Brasil. 1990.
- _____. *Cultura escrita, literatura e história*. Porto Alegre: Artmed. 2001.
- FOUCAULT, M. *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes. 1984.
- FREIRE, P. *Educação como prática de liberdade*. Rio de Janeiro: Paz e Terra. 1967.
- GEERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar. 1989.
- _____. *O saber local*. Petrópolis: Vozes. 2001.
- GÓES, M. C. R. A formação do indivíduo nas relações sociais: contribuições teóricas de Lev Vigotski e Pierre Janet. *Educação & Sociedade*, Ano XXI, julho, n. 71. Campinas: CEDES. 2000.
- HELLER, A. *A sociologia de la vida cotidiana*. Barcelona: Ediciones Península. 1991.
- OSTROWER, F. *Criatividades e processos de criação*. Petrópolis: Vozes. 1984.
- SGAN, C. O. *O mundo assombrado pelos demônios*. São Paulo: Cia Das Letras. 2002.
- VIGOTSKI, L. S. *A construção do pensamento e da linguagem*. São Paulo: Martins Fontes. 2001.

Carmen Maria Aguiar
 Professora Doutora
 Departamento de Educação Física/IB/UNESP/RC
 E-mail: carmenaguiar@uol.com.br

Maria Rosa Rodrigues Martins de Camargo
 Professora Doutora
 Departamento de Educação/IB/UNESP/RC
 E-mail: o.camargo@sigmabbs.com.br
